

Alfredo

Aquela era uma noite como muitas outras. Límpida, fresca, calma.

Os miúdos brincavam na rua com uma bola, um casal passeava feliz, carregando nos braços uma linda criança muito loura. Um pouco adiante, as colunas de uma velha aparelhagem de som conferiam àquela rua um certo ar de festa. Assim como as luzes coloridas, dependuradas nas árvores e entre os edifícios. Nem uma leve aragem perturbava a calma da estação, as diversas bandeiras continuavam caídas nos mastros sem que se movessem um centímetro. Sem dúvidas, o edifício mis decorado era a igreja. Pequena, mas sóbria, todo o seu largo encontrava-se submerso em pétalas de rosa brancas, vermelhas e amarelas. Na porta, salientavam-se duas grandes folhas de palma que rodeavam a entrada, e todas as janelas estavam completamente decoradas com luzes multicolores.

Era ainda cedo: faltava algum tempo para que os acordes das guitarras eléctricas soassem nos ouvidos. O sol acabara de se pôr, e a lua apenas muito tenuamente mostrava a sua brancura. De estrelas, nem sinal. Era uma aldeia pacata, aquela. Os poucos habitantes eram todos conhecidos e qualquer forasteiro ou turista que parasse sempre fora bem recebido. Não que na festa anual se esperasse grande agitação, ou que atraísse muitos turistas. Não, quem a frequentava eram sobretudo os familiares e os emigrantes que aproveitavam as férias para visitar a sua terra natal. Mesmos estes não eram muitos, e o espectáculo, por melhor que fosse, acabava por se perder entre as risadas das crianças e os suspiros e lamentos dos idosos.

Por entre a multidão de folhas secas, pétalas de flor e papelinhos de rifas rasgados, circulava o Alfredo. O Alfredo era uma daquelas pessoas de quem se costuma pensar serem excluídos. Não que fosse rejeitado directamente pela sociedade, nem sequer mesmo marginalizado. Mas sempre fora excluído de todas as brincadeiras, nunca possuía verdadeiros amigos e se fazia qualquer tentativa para se aproximar do convívio com os seus semelhantes, era quase sempre repellido delicadamente. E se insistia, a delicadeza que demonstravam ter aprendido era momentaneamente esquecida e os verdadeiros sentimentos revelados.

Que futuro pode uma criança como Alfredo augurar? Felicidade, prosperidade, uma vida calma e feliz? Não, Alfredo não era uma criança como as outras. Mesmo que não tivesse sido desde novo marginalizado pela sociedade, nunca poderia ter sido um adulto normal. Não que lhe faltassem qualidades psicológicas ou que não gostasse do convívio entre as pessoas. Alfredo tinha somente uma pequena grande deficiência: era cego. Por isso ele, do topo dos seus dez anos acabados de fazer, caminhava lentamente, avançando na direcção da decorada igreja. Claro que ele não a via, mas sabia que dali a pouco começava a festa. Dissera-lhe a mãe, de manhã, e repetira-lhe ao jantar; e agora conseguia perceber a agitação das pessoas, os acordes desafinados que o conjunto ensaiava, o riso e as brincadeiras das crianças da sua idade. Que ele, com o tempo e os anos, aprendera a evitar. É difícil ser diferente numa aldeia tão pequena, e ele sabia-o bem. Sentir-se-ia discriminado, se soubesse o que isso quer dizer. Mas o pai falecera antes dele nascer e a mãe, que nunca fora à escola, não o conseguiria ensinar.

Ele próprio não frequentava a escola. A professora tentara integrá-lo no primeiro dia de aulas, mas só conseguira que o pobre rapaz se sentisse tão mal, que nunca lá quisera voltar. Esse fora o seu primeiro e último dia de aulas: Alfredo não lá voltara, continuando sem aprender algo que lhe pudesse vir a ser útil e ajudar no futuro. Devagar, calmamente como tudo o que fazia, Alfredo avançava para a igreja, que conservava ainda àquelas horas a porta aberta. Ele sempre apreciara muito aquele templo sagrado, e muitas vezes pensava que o pároco era o seu melhor amigo. Gostava de conversar com ele, de o ouvir, e encorajar a lutar pelo seu futuro. E a pobre criança, que nunca vira a imagem de Jesus, assistia a todas as missas e sermões do padre, interiorizando-os melhor que as muitas beatas que veneravam imagens e assistiam às missas todos os domingos.

Alfredo era diferente e sabia-o. Não via, mas sentia. Todos os seus restantes sentidos encontravam-se apurados ao máximo, e pouco falhava às suas observações. Claro que não conseguia ver que a noite estava límpida, que a lua começava a mostrar as suas cores ou que, ao invés de estrelas, apenas havia escuridão. A escuridão também ele via, essa era uma constante em toda a sua vida. Mas sentia a leve aragem que se levantara tornar-se vento e percebia que não havia nuvens; ouvia os grilos começarem a sua canção e deduzia que a noite estava próxima. Não via as lâmpadas e os enfeites da igreja, mas percebia ao caminhar que algo estava diferente; e os foguetes que eram lançados confirmavam que a festa estava prestes a começar. Acelerou o passo para entrar na igreja. Para trás deixou o casal com a criança loura, as crianças que jogavam bola, os idosos e não paravam os seus lamentos.

Num instante percebera eu passara o umbral da porta, mesmo que não tivesse de subir um degrau e passar as portadas interiores nos quais arredou ambas as cortinas.

Todos os seus sentidos, continuamente alerta, acalmaram-se num instante. O ar tornara-se gélido, o silêncio reinava. Apenas durante breves instantes, alguns murmúrios foram pronunciados a um canto, mas depressa se esgotaram.

Alfredo seguia diante de si encontrava-se o altar, e benzeu-se. Dirigiu-se de seguida para o seu local habitual. Lá à frente, na primeira fila, mesmo diante do pároco seu amigo. Um local onde não perdia uma única sílaba do seu discurso ou um acorde do coro. Pretendia rezar um pouco em silêncio e, depois, se o Padre António pudesse, talvez conversar um pouco. Com muito cuidado encontrou o seu lugar e sentou-se. Permaneceu ali sentado, até começar a ouvir uma respiração ofegante mesmo a seu lado e percebeu que ali já se encontrava alguém. Ia levantar-se e encaminhar-se para um outro lugar quando ouviu uma voz melodiosa e triste que se lhe dirigia.

- Não te vás embora, por favor. Não te assustes comigo.

Ao ouvir isto, Alfredo estacou. Nunca ouvira tal coisa: era quase sempre ele que assustava as pessoas e quase sempre tinha de se retirar.

- Perdão, o que disse?- foi a sua educada resposta.

Continuava imperativamente sem se voltar para aquela pessoa, e imaginava-se a levantar e a caminhar de novo para a saída só para a evitar. Mas aí percebeu que, se o fizesse, não seria

muito melhor que todos aqueles que sempre o evitaram. E ali permaneceu em silêncio, até ouvir de novo aquela voz fresca mas francamente desgostosa.

Alfredo não sabia ainda quem era o seu interlocutor: não conseguia ver aquela rapariguinha de grandes olhos verdes enevoados por um mar de lágrimas. Não entenderia a sua expressão sombria e infeliz, os seus cabelos dourados; os seus bonitos olhos húmidos e chorosos; somente a sua voz melancólica poderia dizer-lhe alguma coisa. Era uma criança, como ele. Como ele, não era feliz. Porque também não participava dos risos e brincadeiras das outras crianças da sua idade. Pouco mais velha poderia ser, mas a sua atitude já não era totalmente infantil. Talvez fosses precoce, talvez possuísse já alguma maturidade na sua tenra idade, ou talvez a dor e o sofrimento lhe tivessem feito crescer mais depressa.

- Não tenhas medo de mim.- Repetiu ela.- Desculpa eu estar a chorar, mas podes continuar aqui, não te vás embora. Alfredo conseguira entender que aquela rapariga tinha algum problema, e já não sentia vontade de ir embora. Talvez ele a pudesse animar, ele, que sempre fora forte o suficiente para não se deixar abater pela rejeição dos outros, ou mesmo pela sensação do que era ser deficiente. Mas imaginava que aquela jovem não o conhecia, nem sequer pertencia à aldeia, ou decerto, não o teria deixado sentar junto dela. Também não se recordava de alguma vez ter ouvido aquela voz fresca e delicada. Teria de ser com certeza, uma forasteira.

- Quem és tu e porque choras assim?- Alfredo encheu-se então de coragem, dizendo em seguida. – Se calhar, não me queres a falar contigo. Ninguém gosta de falar comigo, e estou certo que tu também não, se soubesses o que sou.

A pequena rapariga olhou então pela primeira vez para ele. De alto a baixo, reparou em todos os pormenores de uma criança que, apesar de não ser o ideal de beleza num rapaz, pelo menos entendia como sendo um rapaz como os outros.

- Não te entendo. Porquê dizes isso? Não gostas de falar com as pessoas?

- Não, não é isso. – tentou Alfredo explicar- Eu adoro conversar, mas as outras pessoas e crianças é que não gostam de mim. Não tenho amigos, não porque não os queira, mas por ser cego. Esta resposta franca e directa causou uma quanta surpresa naquela moça. Mas ao contrário do que Alfredo esperara, e porque já lhe acontecera uma vez algo semelhante, que, mal ela soubesse da sua cegueira, afastar-se-ia, como se ele tivesse algum tipo de repelente, isso não se afastou. Pelo contrário, dirigiu-se-lhe novamente:

- E por isso não tens amigos? Todos devemos ter amigos... Ou és assim tão mau que ninguém gosta de ti?

Ao dizer estas palavras, esta menina afastou-se ligeiramente, mas mesmo assim Alfredo conseguira perceber que ela era diferente das outras. Sim, porque ela procurava os seus defeitos, não se limitava a olhar para o seu exterior. Aquela criança preocupara-se mais com o carácter de Alfredo do que com a sua cegueira. Mas Alfredo era bom, e não gostaria que tal moça, infeliz como ele, pensasse quer ele era rude, ou não tinha amigos por ser antipático.

- Não digas isso, por favor. Estás muito enganada. – respondeu então – Eu não sou mau. Não trato ninguém mal sequer. Só não tenho amigos. Tive um amigo, uma vez, mas morreu. Atropelado por um camião. Era o meu melhor amigo... Talvez o único.

Aquela pobre rapariguinha loura voltou-se novamente para Alfredo. Olhou novamente para ele e, pela primeira vez, sentiu pena.

- Isso é verdade? Não estás a mentir? O teu melhor amigo morreu...? Não admira que estejas triste... Também vieste aqui para rezar por ele? Alfredo surpreendeu-se um pouco com a resposta, e na sua ingenuidade infantil continuou:

- Apesar de gostar muito dele, não costumo rezar por ele. A minha mãe diz que não devo; que só posso ajoelhar-me junto à sua campa, no quintal, e pedir a Deus que o coloque no céu, junto com todos os outros.

Ao ouvir isto, a pobre menina levantou-se, horrorizada.

- O quê? Enterraste pessoas no teu quintal? Mas quem és tu? Meu Deus, que criança cruel!

Coitado do Alfredo, ao ouvir isto! Mas ele era inteligente, apesar de não o demonstrar muitas vezes. Num segundo entendeu a intenção da moça e esclareceu o mal entendido.

- Estás enganada, por favor não penses isso de mim. Ele está no meu quintal porque não é, nem nunca foi uma pessoa. O Xexé era um cachorrinho que tive em pequeno. Era tão fofinho! Tinha um pêlo tão macio... Mas continua aqui, comigo. – Alfredo apertou ambas as mãos contra o peito - E um dia, quando morrer, irei ter com ele e ficaremos para sempre juntos.

Alfredo sorriu ao dizer estas palavras. O seu sorriso era grande e afável, e agora que percebera que a companheira já não apresentava qualquer hostilidade, e até voltara a sentar-se junto dele, sentiu necessidade de lhe perguntar o nome.

- Eu chamo-me Joana, e tu? – respondeu ela, também num sorriso. Já percebera eu aquele rapaz era simpático e até mesmo delicado, e que gostava de animais... como ela. E como ela, não tinha amigos. – Mas não tens mais ninguém que seja teu amigo? Porquê, se pareces tão simpático?

Alfredo hesitou um pouco antes de responder. Disse-lhe o nome e continuou:

- Bem, tenho um amigo. Um único amigo, mas que penso gostar muito de mim: deixa-me vir para aqui sempre que eu quiser, e quando pode fala comigo. Mas é o único. Mais ninguém gosta de mim, sem ser a minha mãe. E tu foste a única pessoa, sem contar com os dois, que quis conversar comigo. Todos os outros fogem de mim, têm medo que lhes pegue a minha doença. Por isso fico aqui sozinho...a pensar. Mas e tu? Porque não estás lá fora a brincar? Os meninos da aldeia também não te deixaram?

- Não, não foi isso, Alfredo. Eles até me convidaram para jogar com eles, mas eu não aceitei. Existem outras coisas melhores que prefiro fazer. Esta resposta espantou e confundiu Alfredo. Ele era apenas uma criança. Uma criança ingénuo e sofrida. Os seus sonhos, as suas ambições... Tudo o que ele ansiava na vida era que alguém o convidasse para companheiro de brincadeiras. Seria possível que existisse alguém que recusasse espontaneamente um convite

como aquele? Não, ele imaginava que não. Mas apesar de não entender aquela menina, Alfredo nada disse. Assimilava sim tudo o que ela dizia, e tentava tudo entender, na esperança de que a pudesse de algum modo ajudar.

- Preferiste vir para aqui.- acabou por dizer- Esta é uma capela muito bonita, não é?

- É sim, Alfredo. É uma capela linda.

Estas últimas palavras foram pronunciadas já entre soluços. A criança voltara a chorar, mais compulsivamente que nunca. Alfredo assustava-se: qual seria o problema de Joana? O que a levava a chorar daquela maneira? Teria sido ele o causador daquele pranto?

E enquanto Alfredo estava assim ocupado a pensar nos infortúnios daquela criança, não percebeu que se levantara um tumulto um pouco atrás de si. Alguém reparara na situação e decidira intervir. Acercou-se de ambos, e repreendeu Alfredo sem hesitar:

- Alfredo, que estás a fazer? Não sabes que não podes assustar as pessoas? Vai já para outro banco, ajoelha-te e pede perdão. Reza cinco "Pai Nossos" e pede perdão a Deus. E não incomodes mais a menina, ou eu conto à tua mãe. Alfredo bem tentou se defender, e dizer que não era a causa do choro da moça, mas a D. Rosa parecia não querer ouvir. Os anos conferiram-lhe uma certa surdez, é verdade, mas o certo é que o seu carácter só lhe permitia ouvir aquilo que lhe agradava. Sempre fora meio brusca, e nunca tivera muito jeito para lidar com crianças.

Era a avó do pequeno Alfredo, e era ela quem cuidava dele enquanto a mãe ia trabalhar para a fábrica. Ríspida, severa e sem paciência para crianças, D. Rosa não conseguira transmitir amor e carinho a Alfredo. E isto porque nunca deixara de se perguntar "Porquê"? Porquê aquela criança tinha de ser cega? Porque não uma criança normal, um lindo rapazinho que pudesse realizar-lhe um dos seus sonhos: o ter um "menino doutor"? Ai, que alegria!, quando Alfredo nasceu, a D. Rosa saber que tinha um neto! Tinha imensos projectos para ele: seria doutor e trabalharia no posto médico a atender os doentes da aldeia; seria um advogado famoso, um advogado famoso, como aqueles que ela ouvia falar na telefonia; um professor que pudesse ensinar as crianças da aldeia... Tantos sonhos, tantos desejos! Apesar de não ser rica, D. Rosa tinha amealhado algum dinheiro com o seu trabalho, o suficiente para que o seu neto pudesse ir estudar para a universidade. Maria, a mãe, nem sempre partilhara destes sonhos da sogra, pelo contrário, não deixava de lhe lembrar que Alfredo podia não querer estudar, que preferisse trabalhar cedo, que pudesse ter outros planos e preferisse outras carreiras... D. Rosa não ouvia, nem queria ouvir.

Mas quando ambas se aperceberam que Alfredo não reagia como as outras crianças, e que demonstrava mais atrasos após os primeiros meses de vida, do que as crianças com a mesma idade, que tristeza! Levaram-no ao médico, mas nada adiantou. Mas com algumas suspeitas, este indicou-lhes um oftalmologista na capital. Pobre D. Rosa! Desde esse dia, não mais parou descansada. Foi diagnosticado o seu querido Alfredo uma cegueira quase total, mas que poderia ser reversível. Com muitos tratamentos e operações, o doutor referira que existiam algumas hipóteses de em poucos anos Alfredo recuperar parte da visão, e poder agir como uma criança normal. Com base nessa esperança, D. Rosa gastou a maioria do dinheiro que juntara.

Em vão: a cegueira progrediu, e aos cinco anos Alfredo deixou de ver completamente. Aí caíram por terra todos os sonhos de D. Rosa, assim como a sua cota bancária. E quando, pouco tempo depois, adoecera gravemente, foi obrigada a gastar o que ainda tinha e o que não tinha. Já alguns anos sofrera um colapso, que preferira não tratar para poupar mais para Alfredo, o que fez o seu estado de saúde agravar-se. Assim, quando mais tarde foi obrigada a fazer os tratamentos, acabou por vir a gastar mais do que podia. Ao mesmo tempo, D. Rosa viu-se privada dos seus sonhos, da sua saúde e de tudo o que possuía. Tornou-se fria e amarga, a tristeza enevoava-lhe o coração. E deixou de demonstrar algum carinho ou amor por Alfredo, a pobre criança cresceu sem o amor e carinho da avó. E com o pouco carinho da mãe, e nenhum de amigos e vizinhos. Fosse a aldeia preconceituosa ou não, Alfredo era uma criança só. D. Rosa sabia que ele não tinha culpa das desgraças que tinha sucedido, mas o seu egoísmo não deixava que tratasse o neto como ele merecia. Imaginava que ele se tornara insociável devido à sua deficiência, e que nunca conseguiria ser alguém na vida, já que nem sequer conseguia tecer amizades com as pessoas.

E mesmos sem razão nem pretender saber o que acontecera, vira uma criança a chorar junto a ele e não hesitara em repreendê-lo e castigá-lo... se Joana não intervisse. A jovem ouvira a reprimenda, e imaginava que veria Alfredo castigado se não fizesse nada. Assim, acalmou-se num instante, e ganhou coragem para dizer:

- Não, por favor, senhora. – foi o apelo da pobre moça– O Alfredo está a fazer-me companhia, é meu amigo e eu pedi-lhe que ficasse aqui comigo. Por favor, não o leve embora, está a fazer-me muito bem conversar com ele.

A velha senhora pareceu ter sido apanhada de surpresa com esta súplica. Em palavras, olhou fixamente para os olhos da criança. Queria tentar perceber se a rapariguinha era sincera ou se estaria, como muitos outros, a troçar do seu neto. Porque isso ela não aceitaria: como avó, possuía um grande instinto protector, que a levava a defender o neto de todos aqueles que não o toleravam, gozavam, quase tratavam mal.

Mas ao olhar bem nos olhos daquela jovem, sentiu tamanha sinceridade que recuou a sua posição. E sentiu então uma alegria indiscreta: "Terei ouvido bem?", pensava, "O meu Alfredo tem uma amiga?". Ao perceber que finalmente o seu neto tinha oportunidade de conviver com outra criança, após tantos anos de solidão, D. Rosa sentou-se suavemente no banco junto a Alfredo. Benzeu-se, disse uma pequena reza, voltou-se para ele e, pegando-lhe carinhosamente nas mãos, e dou-lhe um caloroso beijo nas testas. Levantou-se de seguida, e encaminhou-se para a saída. O que terá pensado a pobre senhora, não o sabemos, mas desde esse dia vê o neto com outros olhos, e tornou-se na sua principal defensora diante de tudo e todos.

Quando ela saiu da capela, Alfredo suspirou aliviado.

- Quero agradecer-te por me teres defendido, Joana. Foste a primeira que realmente o fez, e agradeço-te com todo o coração. Diz-me só uma coisa, é verdade o que disseste? Queres ser minha amiga?

- É sim, Alfredo. Gostava muito de te conhecer melhor e ser tua amiga. De te confortar, de te ouvir, e quem sabe até te ajudar no que precisares. Oh!, que prazer imenso as palavras desta garota trouxeram ao coração de Alfredo! Alfredo também queria uma amizade e, sentia que aquela menina, infeliz como ele, também precisava de conforto e palavras amigas. Mas ao olhar em volta, lembrou-se que ainda se encontravam na igreja, e que não se sentiria à vontade a conversar naquele local. "Devemos ir para outro lado", pensou. E como o repetiu em voz alta, Alfredo e Joana levantaram-se juntos e encaminharam-se para a saída, mas não sem antes se cruzarem com o Padre António.

- Olá, Alfredo. Bons ventos te trazem. Vieste falar comigo?- mas ao olhar para Joana acrescentou - Mas quem é esta mocinha? – perguntou o simpático Padre.

- É a minha amiga Joana. – disse bem alto o nosso amigo. – Desculpe, mas hoje vou conversar com ela, e não consigo. – Mas então Alfredo lembrou-se de uma coisa, com a qual inquiriu o Padre. – O arraial já começou, não foi?

- Foi sim, Alfredo. Por isso eu vim para dentro. O conjunto começou a tocar e está uma grande confusão lá fora, com as pessoas todas a dançar. – foi a resposta do pároco.

Alfredo queria encontrar um sítio calmo. Queria conversar um pouco mais com Joana, mas na rua isso deveria ser já impossível. Referiu isso ao Padre, de modo que ele ofereceu a sacristia para a continuação daquela conversa.

- Por mim tudo bem, Alfredo. Também não me apetece barafunda, pelo contrário. Queria ficar sossegada a um canto até que passe a confusão da festa.

Acompanhados pelo Padre, dirigiram-se então para a sacristia. Aí, sentaram-se nos bancos de pedra, debaixo da imagem da Virgem Maria. O ambiente ali era pouco mais calmo que na igreja, mas tornara-se gélido, muito frio até. Joana, começou a tremer quase instantaneamente, e apesar de não o ter visto, Alfredo sentira-o, e ofereceu-lhe o seu casaco, que ela agradeceu e aceitou, colocando-o para não ter mais frio.

- Posso te pedir umas coisa? – perguntou Alfredo assim que ficaram sós.

- Claro, diz, Alfredo. Pede o que quiseres.

- Eu queria fazer uma promessa de Amizade. Tal como num casamento, mas sem nos casar-mos... – e explicou esta estranha proposta. – Eu não tenho mais amigos como tu, e queria que a minha primeira amizade fosse diferente, acompanhada de uma promessa.

A menina achou esta ideia um pouco disparatada, até mesmo muito infantil. Mas concordou, só para não magoar o novo amigo. E assim repetiram juntos as mesmas palavras, que na boca de cada um soavam diferentes, mas que possuíam um significado semelhante. "Prometo-te a ti, meu novo amigo, estimar-te, amparar-te, respeitar-te, e ajudar-te sempre que necessites, até ao fim das nossas vidas."

"Será impossível e estarei a sonhar?", pensaria Alfredo. Não se imaginava a partir daí com uma amiga. Deixaria de ser um rejeitado, deixaria de ser o Alfredo Cego, o Alfredo Deficiente, o Anormal... passaria a ser somente o Alfredo. O Alfredo rapaz.

Mas só então lembrou-se de uma coisa terrível, e que ainda não tinha lhe passado pela cabeça. E foi esta ideia que lhe devolveu toda a mágoa ao coração, que Joana não pôde deixar de sentir.

- O que aconteceu de repente, Alfredo? Porquê deixaste de sorrir?

Alfredo foi mais sincero que conseguiu, e respondeu de uma vez:

- Porque comecei a imaginar coisas impossíveis. Sim, tu és minha amiga, fizemos uma promessa, que não poderemos quebrar nunca. Mas tu não és de cá, deves morar longe, se calhar até noutra país, e não vais poder estar cá para me ouvires, para conversarmos... Terei uma amiga mas ficarei tão sozinho como sempre... Assim que os teus pais voltarem para casa, levante com eles e eu ficarei como sempre... só. Se Alfredo imaginasse a agonia de Joana e a maneira como ela ficou depois de ouvir estas palavras, decerto teria ficado calado. Pois logo que as últimas palavras de Alfredo acabaram de soar nos ouvidos, aqueles grandes olhos verdes expressivos começaram novamente a verter lágrimas. Uma, duas, três... Um pranto convulsivo, que assustou tanto Alfredo ao ponto de ele imaginar que a sua nova amiga estaria doente.

Ele percebeu que fora o causador daquela angústia inesperada, mas não sabia o que fazer ou o que dizer. Lembrou-se então da jura que tinham feito a pouco, e sem uma palavra, chegou-se junto dela e amparou-a. Deu-lhe o ombro amigo para chorar, e chorou com ela as lágrimas que ele nunca imaginara verter.

Assim que ambos acalmaram e Joana deixara de chorar, Alfredo quis saber a razão do choro. O que a fazia tão infeliz?

Joana, entre novas lágrimas, contou então a Alfredo a sua pequena história. Ao contrário do que Alfredo pensara, Joana viera também viver para a pequena aldeia.

Mas não porque os pais o decidiram, pelo contrário. Ficara órfã havia pouco tempo, quando o automóvel em que viajava com os pais e a irmã sofrera um acidente, ao qual somente ela conseguiu sobreviver. Toda a sua família perecera naquela fatídica estrada, à mercê dum condutor desgovernado e alcoolizado. Desde então estivera no hospital e num orfanato, mas logo que a restante família foi localizada, trouxeram-na para a casa de uma tia distante, que morava ali mesmo, no largo da igreja. Por isso, estava também sozinha. Num sinal vermelho, perdera tudo. Pai, mãe, irmã, casa, amigos, escola, tudo. Viera morar para um local desconhecido, que de início lhe trouxera pesadelos horríveis. Imaginara mil e uma coisas, chorara sem fim durante a viagem e durante os primeiros dias que ali estivera, mas quando ganhara coragem para sair do pequeno quarto e verificara que nenhum deles se concretizara, sentira-se melhor.

- Pelo menos, no meio de tanta desgraça e solidão, posso dizer que ganhei um novo amigo.

Alfredo ouvira toda esta história comovido. Como se sentiria aquela criança, ao perceber que nem todos os meninos são felizes e que a alguns aconteceram desgraças ainda maiores que a dele? Em comparação, imaginava-se agora um afortunado. Tinha família, uma mãe e uma avó que não deixavam de gostar dele, casa, poucos amigos... mas sinceros. E daí, o facto de ser cego?

E daí, não poderia ser normal? Não poderia ser algo mais que a anormalidade duma aldeia pequena, e vir a ansiar por um futuro melhor?

Não sei, ainda hoje, se Alfredo tornou-se uma criança como as outras. Se a criança solitária deu lugar a um adolescente preocupado. Ou se o adolescente empenhado deu azo a um adulto trabalhador. Não se sabe se aquela pequena menina que lhe mostrou a diferença entre a solidão e a alegria de estar vivo, pôde um dia mais tarde voltar a mostrar o seu bonito sorriso, e a recuperar a alegria duma infância perdida.

Sabemos tão somente que Alfredo e Joana continuaram amigos, tal como uma promessa que ambos fizeram, até ao final das suas vidas. Independentemente do futuro de cada um, ambos se amaram, se respeitaram, mas sobretudo ampararam dali por diante, sempre que o outro sofria um revês mais forte na vida. E à sua maneira, talvez diferente das outras crianças, ambos aprenderam um tipo diferente de felicidade.

Gostaria imenso de saber se os Alfredos, sejam eles como forem, deficientes, seropositivos, ou por um preconceito marginalizados ou excluídos, e as Joanas, crianças que sofreram bastante com os reveses da vida, que insistiu em bater-lhes demasiado forte, possam um dia encontrar a paz e a felicidade que todas as crianças têm direito a ter, independentemente da sua origem, ou dos seus problemas.

FIM

Luisa Pinheiro, 24 Janeiro de 1999

FICHA TÉCNICA



Edições CelArte Literature 2001

Published on the Web on 07/12/2001